



BAHIANA
ESCOLA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

PSICOLOGIA

PAULO ALBERTO MOURA MARQUES

**O "SER HOMEM": UM ESTUDO SOBRE AS MASCULINIDADES NA
ATUALIDADE E AS INTERSEÇÕES COM O MACHISMO E A LGBTFOBIA**

Salvador, BA

2023

Paulo Alberto Moura Marques

**O "SER HOMEM": UM ESTUDO SOBRE AS MASCULINIDADES NA
ATUALIDADE E AS INTERSEÇÕES COM O MACHISMO E A LGBTFOBIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientadora: Marilda Castelar.

Salvador, BA

2023

Paulo Alberto Moura Marques

**O "SER HOMEM": UM ESTUDO SOBRE AS MASCULINIDADES NA
ATUALIDADE E AS INTERSEÇÕES COM O MACHISMO E A LGBTFOBIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Data de aprovação:

Banca Examinadora

Nome do 1º componente da banca Titulação / Instituição

Nome do 2º componente da banca Titulação / Instituição

Nome do 3º componente da banca Titulação / Instituição

Resumo

Introdução: Ao examinar as construções sobre o “*ser masculino*” no campo das ciências humanas e da saúde, dentro de um contexto relacional de gêneros, este estudo aponta para a insuficiência das definições acerca dessa expressão e encaminha a discussão para a importância de uma compreensão histórica das características socioculturais, a força de arregimentação social, a imbricação com outros lugares simbólicos estruturantes como a dominação masculina e o poder de orientar a formulação de juízos. Portanto, os discursos sobre as *masculinidades*, são, historicamente, atravessados por um espaço simbólico de construções de sentidos plurais que estruturaram e moldam as subjetividades através das formas de agir, pensar e performar as atitudes, comportamentos, sentimentos, afetos e emoções a serem seguidas culturalmente pelos sujeitos em determinado espaço-tempo.

Objetivo: compreender as ideias de homens sobre “ser masculinos” e suas possíveis relações com o machismo e a LGBTfobia. **Metodologia:** trata-se de uma análise de dados através com o uso do método da análise de conteúdo que busca identificar os sentidos e significados atribuídos às *masculinidades* em suas interseccionalidades por meio das respostas obtidas num universo total de 128 questionários previamente realizados e com foco na amostragem representativa final de 16 respostas abertas de pessoas que se identificam enquanto gênero masculino; **Resultados:** o trabalho trouxe elementos que poderão contribuir para o entendimento da construção das relações de gêneros, com foco nos modelos e nas categorias atribuídas ao “*ser masculino*” dentro e fora da masculinidade hegemônica. Assim como, problematizou a manutenção da heteronormatividade compulsória vivenciada culturalmente por aqueles que compartilham desses símbolos em nossa sociedade patriarcal. Por fim, o artigo explorou como as estruturas sociais e culturais ajudam a sustentar e reproduzir os riscos de saúde dos homens a partir da construção histórico-cultural de estereótipos de gêneros atrelados aos sentidos e significados do masculino, sem esgotar a temática proposta.

Palavras-chave: Masculinidade, Machismo, Gênero, Heteronormatividade, LGBTfobia.

Abstract

Introduction: This study acknowledges the insufficiency of definitions regarding the questions: what is being masculine? For the outcome, the focus was a deep analysis of how “being masculine” is built in the field of human and health sciences considering gender relational context. Thus, it is important to understand historical sociocultural characteristics, the force of social regimentation, the overlap with other structuring symbolic spaces such as male domination and the power to guide judgment building. Therefore, discourses about masculinities are, historically, crossed by a symbolic space of constructions of plural meanings that structured and shaped subjectivities through the ways of acting, thinking and performing the attitudes, behaviors, feelings, affections and emotions to be followed culturally by subjects in a given space-time. **Objective:** understanding men’s ideas about “being masculine” and their possible relations with sexism and LGBTphobia. **Methodology:** this is a data analysis based on the method of content analysis which seeks to identify senses and meanings attributed to masculinities in their intersectionalities through answers obtained in a total universe of 128 questionnaires previously applied and focused on a final representative sample of 16 open responses from people who identify as male; **Results:** the study brought elements that could contribute a better understanding on how gender relations are built considering the models and categories attributed to the “masculine being” inside and outside hegemonic masculinity. Likewise, this problematized the maintenance of compulsory heteronormativity experienced culturally by those who share these symbols in our patriarchal society. Finally, the article explored how social and cultural structures help to sustain and reproduce men's health risks based on the historical-cultural construction of gender stereotypes linked to the senses and meanings of the masculine.

Keywords: Masculinity, Machismo, Gender, Heteronormativity, LGBTphobia.

Sumário

1 Introdução.....	6
1.2.1 A hegemonia masculina nos estudos de gênero.....	6
1.2.2 Masculinidades: conceitos em trânsito.....	8
1.2.3 A relação da masculinidade hegemônica com o machismo e a LGBTfobia.....	10
1.2.4 A hegemonia masculina e a heteronormatividade compulsória...	11
2 Objetivos, material e métodos	12
2.1 Tipo de estudo.....	13
2.2 Fonte de dados.....	13
2.3 Procedimento de coleta e pré análise.....	14
2.4 Procedimento de análise da amostragem	15
2.5 Percurso metodológico da análise.....	15
2.6 Análise de dados.....	16
2.7 Principais categorias na literatura.....	16
3 Resultados e discussões	17
3.1 Essencialismo: a categoria do modelo naturalista-biológico.....	17
3.2 Os padrões normativos de construção sócio-histórica.....	20
3.3 Performatividade: gênero no agir, identificar e representar.....	23
3.4 O "ser masculino" em trânsito: indefinições e multiplicidades.....	25
3.5 O recorte da população LGBTQIA+.....	27
3.6 O ser homem: processo de construção e desconstrução.....	28
4 Considerações Finais.....	30
5 Referências.....	33

ÍNDICE DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1: "O que é ser homem?" - Amostragem representativa final da categoria de análise essencialista-biológica.....	18
Quadro 2: "O que é ser homem?" - Amostragem representativa final da categoria de análise padrões normativos sócio-históricos.....	21
Quadro 3: "O que é ser homem?" - Amostragem representativa final da categoria de análise padrões performáticos de gêneros.....	24
Quadro 4: "O que é ser homem?" - Amostragem representativa final da categoria de análise padrões performáticos de gêneros.....	26

1. Introdução

As *masculinidades* é um tema que tem sido amplamente discutido na atualidade, apresentando-se como um campo de estudo que abrange as mais diversas áreas do conhecimento, tais como, os estudos de gênero, que também podem estar vinculados, de forma interdisciplinar, aos campos da Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Psicologia etc. A análise das masculinidades se interliga com o estudo do machismo, pois este se apresenta como uma das formas de dominação masculina na sociedade. A temática é emergente pois impacta tanto à saúde do homem quanto às relações históricas de gênero (seja as mulheres como outras expressões e identidades emergentes). Neste sentido, nosso objetivo neste artigo é apresentar e discutir esses conceitos, elucidando a relação entre eles na construção das identidades sociais do "ser masculino" e a sua relação com a LGBTfobias.

1.2.1 A hegemonia masculina nos estudos de gênero

Nos estudos sobre as masculinidades, observa-se inicialmente o surgimento das discussões interdisciplinares e relacionais entre gênero e sexualidade na década de 1980, especificamente com os estudos da cientista social australiana, Raewyn Connell (1995).

A autora apresentou o conceito de **hegemonia masculina**, entendido como “um padrão cultural de poder socialmente dominante, em que a masculinidade é vista como superior e mais valorizada do que a feminilidade” (Connell, 1995 p. 18). Neste sentido, ao contrapor a feminilidade, a hegemonia masculina não se apresenta de forma homogênea nas sociedades patriarcais, tendo em vista que as formas de exercício do poder variam conforme a classe social, a orientação sexual, a etnia, o período histórico e outros aspectos em contraponto a desvalorização do gênero feminino. No entanto, é possível afirmar que a dominância masculina se faz presente em diversas instituições sociais, tais como a família, a escola, o trabalho e os espaços públicos e contribuem para relações históricas de poder em que os códigos do gênero masculino são valorizados em contraposição aos do gênero feminismo. Este é visto como seu opositor binário, o que configura a concepção relacional entre os gêneros por meio do binarismo heteronormativo e compulsório e suas relações com o poder normativo instituído, já pensado por Foucault (1979).

Em relação aos estudos de gênero e masculinidade, Foucault (1979) explorou como as normas de gênero são construídas e mantidas através do poder e da disciplina. Ele analisou como as instituições sociais, como a medicina e a psiquiatria, contribuem para a criação de

identidades de gênero normativas e como as práticas sociais moldam a expressão da masculinidade e da feminilidade, o que influencia diretamente na construção dos saberes do “ser homem” e repercutem na prática e no processo saúde-doença-cuidar a partir do conhecimento produzido. Suas ideias sobre o "discurso" e o poder da linguagem também são fundamentais para compreender como as normas de gênero são perpetuadas, e o seu pensamento influenciou os estudos de gênero e sexualidade a partir dos anos 1970 até a atualidade. A psicologia, por sua vez, tem se dedicado ao estudo das masculinidades, analisando as diversas formas como os homens constroem suas identidades dentro de uma cultura de dominação masculina na contemporaneidade.

Para a psicóloga Kenneth Gergen (1996), a sociedade tem imputado aos homens um papel dominante em relação às mulheres, e a própria identidade masculina se constrói em oposição ao universo feminino, outra contribuição da concepção interacional de gêneros. Com relação ao machismo, este pode ser compreendido como uma forma de expressão da hegemonia masculina, na medida em que se apresenta como uma ideologia de controle e dominação das mulheres. Esta concepção epistemológica ganhou destaque no campo Psicologia Social e ficou conhecida como "*Standard Social Psychology*", ao estudar condutas humanas influenciadas pela presença atual ou implicada de outras pessoas a partir de uma concepção atravessada pelas relações de gênero, sexualidade e poder.

Em Scott (1991), o machismo se configura como um conjunto de crenças, ideias, valores e práticas que sustentam a superioridade masculina sobre as mulheres, e que se manifesta, ao longo da história, nas sociedades patriarcais das mais diferentes formas, buscando justificativas para legitimar o gênero masculino como superior. A relação cultural entre masculinidade hegemônica e machismo revela o estado da arte das ciências sociais das últimas décadas, a *masculinidade* passou a surgir como uma categoria de discussão amplamente debatida (Oliveira, 2014). Especialmente na sociologia e nos estudos de gênero.

Trata-se de uma reflexão sobre as construções sociais e culturais do que significa ser homem ou masculino em uma determinada época e lugar. Ademais, é fundamental destacar a relação entre as diversas formas de masculinidade e o machismo, entendido como um sistema de crenças, valores e práticas que privilegia a posição de dominação masculina sobre as mulheres corpos subalternizados.

1.2.2 Masculinidades: conceitos em trânsito

As primeiras reflexões sobre o conceito de masculinidades surgiram no contexto das discussões sobre os estudos de gênero, na década de 1970, destacando-se nos Estados Unidos da América, a partir do fortalecimento da luta por direitos civis de movimentos sociais minorizados, representados por mulheres feministas, a população negra e a LGBTQIA+ iniciados na década de 1960. A historiadora estadunidense, Joan Scott (1988), por exemplo, propôs uma abordagem que buscava desconstruir as categorias binárias de gênero e mostrar que as identidades de gênero são construídas social, cultural e historicamente. Nesse sentido, a autora defende que as masculinidades não são inatas ou biológicas, mas, sim, construídas a partir de um conjunto de normas e valores socioculturais. Assim, propôs um novo campo de estudo da história das mulheres a partir da perspectiva relacional de gêneros de concepção epistemológica feminista. Nos anos seguintes, outros autores e autoras se dedicaram a estudar as múltiplas dimensões das masculinidades. R.W. Connell (1995), por exemplo, desenvolveu a **teoria das múltiplas masculinidades**, ao sugerir que não existe um único modelo de masculinidade, mas, sim, várias formas de ser homem em uma sociedade.

Dessa forma, a pensadora propôs uma classificação de tipos de masculinidades, tais como a masculinidade hegemônica, a subordinada e a marginal. Já Jeff Hearn (1998) busca analisar as relações entre o gênero, o poder e a violência, ao mostrar como as masculinidades estão associadas a formas de dominação e violência contra as mulheres e outros grupos historicamente e socialmente subalternos. Desta forma, o autor evidencia a importância de se discutir as masculinidades em relação às práticas de poder e à cultura da violência presente em diversas sociedades. A construção sócio-histórica da masculinidade hegemônica, representada pela definição da socióloga R. W. Connell, explica a masculinidade hegemônica como um padrão de prática e assimilação pela tradição, através da cultura, das instituições e dos dispositivos de persuasão de poder que permitem que o domínio dos homens sobre as mulheres continue e permeie sociedade (Connell, 2005, p. 832). Segundo esta autora feminista, é imprescindível considerar a masculinidade como um dispositivo de poder inserido em um processo social para que possamos ver como os homens historicamente mantiveram o domínio sobre as mulheres e entender como a masculinidade hegemônica continua a afetar certas facetas de nossa sociedade até hoje.

Sendo assim, os estudos de gênero nesta autora envolve uma concepção interdisciplinar entre os campos da sociologia, antropologia, ciência política, educação e a história. Oliveira (2014) identifica que, nos séculos XVIII, XIX e parte do século XX,

inúmeras características tidas como positivas – a exemplo da valentia, firmeza, inteligência e imponência – foram associadas ao ser masculino e vistas como qualidades sobre as quais a própria sociedade gostava de se autoprojetar por meio de ícones, símbolos e reflexos dos períodos do medievo e do moderno que constituem o masculino ou em torno dele gravitam.

No ideal da modernidade, em que o temor da imaturidade é menor do que o da efeminação, a transformação de um menino em homem passa, primeiro, pela “aquisição de um certo padrão físico e, depois, através de uma adequação moral, que deveria culminar com a consagração do casamento” (2014, p. 54). Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012), a dominação masculina, na modernidade, não se dá através do uso da força, mas sim por meio de um mecanismo simbólico conhecido e admitido tanto por dominadores quanto por dominados; este mecanismo é a própria língua repleta de signos que dão força à dominação. Um conceito básico para se entender a dominação masculina é o de falocentrismo, que Bourdieu excede como “*falocentrismo*”, ponto fundamental da cosmologia androcêntrica. Este conceito é fundamental dentro das teorias feministas por exprimir a importância dada ao órgão sexual masculino e como este se tornou um mecanismo simbólico na dominação.

Dito isso, ainda no século XIX, Oliveira (2014) ressalta os discursos biomédicos que alimentaram a ideia difundida em forma de frase que “mente sã num corpo sã” ajudaram a desqualificar aqueles – como insanos, negros, judeus, homo orientados – que não se encaixavam no ideal burguês de masculinidade que surge na modernidade na Europa ocidental, imputando-lhes o *status* de serem diferentes, deficientes ou pevertidos sob algum aspecto. O que também podem ser compreendidas como exemplos dos mecanismos de violência simbólica apontados por Bourdieu (2012). Assim, o falo representa todos os papéis historicamente atribuídos ao masculino a serem desempenhados pelo homem na sociedade.

De acordo com o sociólogo francês, Pierre Bourdieu (2012), o programa social de percepção incorporado se aplica a todas as coisas do mundo, e em primeiro lugar ao corpo em si, em sua realidade biológica, o domínio simbólico encontra sua maior eficácia dentro das características morfológicas e corporais. Entre os corpos masculinos e femininos, especialmente a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode parecer como a justificativa natural da diferença socialmente estabelecida entre os sexos, especialmente na divisão sexual do trabalho nas sociedades capitalistas, o que também explica os diferentes papéis atribuídos não só aos gêneros, mas também aos sexos ditos biológicos através dos marcadores sociais e performáticos de gênero.

Logo, há uma notória diferenciação entre os papéis desempenhados por homens e mulheres em nossas sociedades patriarcais no decorrer da história dos gêneros, esta

diferenciação busca as bases de sua justificação na distinção biológica dos corpos. Junto a essa desqualificação, a mulher costumava também ser vista como inferior, entende-se que os estudos de gênero precedem a sua relação com a construção dos corpos, dos sexos e, logo, da invenção das sexualidades na modernidade (Laqueur, 2001).

1.2.3 A relação da masculinidade hegemônica com o machismo e a LGBTfobia

As masculinidades hegemônicas, a partir do patriarcado estrutural, têm sido apontadas como um dos principais fatores que perpetuam o machismo e a LGBTfobia em nossa sociedade. De acordo com Oliveira (2004), a hegemonia masculina é construída socialmente a partir de uma série de atributos que são considerados masculinos, tais como a força, a agressividade e a racionalidade. Esses atributos são vistos como superiores aos atributos considerados femininos, que são a passividade, a fragilidade e a emotividade e, socialmente, são vistos como aspectos negativos quando apresentados por pessoas do sexo masculino, o que leva ao questionado da própria sexualidade destes ditos como desviantes (Foucault, 1979). O que marca uma característica intrínseca dessas sociedades patriarcais ao desprezo a características, predicados e marcadores sociais lidos como femininos.

Isto é, a misógina, o desprezo histórico pelas mulheres e a sua relação com a divisão social do trabalho, ao colocar o gênero feminino como inferior, frágil, delicado etc. Bourdieu (2012) argumenta que essas atribuições de valores e características aos gêneros são resultado de uma luta simbólica pelo poder simbólico, em que o grupo dominante (no caso, os homens) busca manter sua posição de poder e superioridade em relação aos grupos minoritários (mulheres e pessoas LGBTQIA+). Esta luta simbólica é reforçada pelas instituições sociais, como a escola e a família nas sociedades patriarcais. A filósofa e feminista Judith Butler (2018) acrescenta que a hegemonia masculina é também uma performance de gênero.

Ou seja, a masculinidade hegemônica é um comportamento aprendido e reproduzido socialmente, que é recompensado e valorizado pela sociedade. A performatividade de gênero é internalizada pelos indivíduos desde a infância, através de modelos masculinos e femininos de comportamento e papel social. Laqueur (2001) complementa essa discussão, argumentando que a construção social e cultural da masculinidade hegemônica é binária e excludente, o que implica na marginalização de identidades de gênero que não se encaixam nessa concepção padrão de masculinidade e feminilidade. O que inclui, por exemplo, homens que não se enquadram nos padrões de masculinidade hegemônica, como homens lidos enquanto "afeminados" ou homossexuais, bem como pessoas trans e não-binárias.

Portanto, podemos concluir que as masculinidades hegemônicas têm um impacto significativo na perpetuação social do machismo e do preconceito contra a população LGBTQIA+. As obras dos autores analisadas neste trabalho também apontam que o machismo é uma das principais bases da LGBTfobia, ou seja, a rejeição ou hostilidade em relação a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais etc. Em Oliveira (2004), o machismo se baseia na ideia de que os homens são superiores às mulheres e, assim, considera qualquer desvio desse padrão como "*anormal*" e motivo de discriminação, preconceito e violência.

1.2.4 A hegemonia masculina e a heteronormatividade compulsória

Nos estudos de gêneros e sexualidades, a heteronormatividade compulsória é um conceito que se refere à expectativa social de que a heterossexualidade seja a norma e que todas as pessoas devam se conformar com essa norma. Foi popularizado por Adrienne Rich em seu ensaio "*Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*" (Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica), publicado em 1980. Rich argumenta que a sociedade patriarcal impõe a ideia de que a heterossexualidade é a única orientação sexual "aceitável" e que as mulheres são socializadas desde cedo para se conformar a essa norma, mesmo que suas orientações sexuais sejam diferentes. Em concordância a essa tese, Pierre Bourdieu (2012) destaca que, além de colocar os homens como superiores, o machismo também perpetua a heteronormatividade, ou seja, a ideia de que a heterossexualidade é a única forma aceitável de relacionamento afetivo e sexual. Assim, as pessoas que não se encaixam nesse padrão, como os LGBTs, são frequentemente alvo de discriminação e marginalização.

Butler (2018) discute como a construção social do gênero também contribui para a LGBTfobia. Segundo a autora, a sociedade tende a categorizar as pessoas em termos binários de gênero, masculino ou feminino, e a considerar a heterossexualidade como natural e normal. Qualquer desvio desses padrões binários compulsórios e normativos é visto como uma ameaça à ordem estabelecida e, conseqüentemente, às pessoas que não cumprem essas expectativas são discriminadas e excluídas. Em diálogo com essa concepção, o historiador e sexólogo Thomas Laqueur (2001), ressalta que LGBTfobia não é apenas uma questão de intolerância individual, mas também um reflexo das normas e valores sociais que moldam as relações de gênero. O autor argumenta que a sociedade tende a reforçar papéis de gênero rígidos e excludentes, o que leva à desigualdade e à opressão de indivíduos que não se enquadram nesses moldes pré-determinados. Em suma, pode-se dizer que o machismo é um

dos principais fatores que contribuem para a LGBTfobia, pois perpetua a ideia de que o homem é superior e a heterossexualidade é a única forma aceitável de relacionamento.

Diante do referencial proposto, este artigo justifica-se pela necessidade emergente e crescente em compreender, no seio da sociedade brasileira, as construções sociais e históricas sobre o “ser masculino” e sua relação com a saúde dentro de um contexto relacional de gêneros. O que torna-se fundamental para a reflexão sobre as desigualdades, poder, educação e violências que afetam diretamente a saúde de pessoas que se dominam do gênero e sexo masculino e a manutenção da heteronormatividade compulsória em nossa sociedade estruturalmente patriarcal. Portanto, o estudo sobre a temática justifica-se a partir do aporte teórico-prático-metodológico da urgência da legitimação das diversas subjetividades e construções das masculinidades contra-hegemônicas e de pessoas LGBTQIA+ que permitam a ampliação de políticas públicas de prevenção e promoção social de saúde e as discussões acadêmicas atuais de gêneros face a concepção arcaica do ideal masculino hegemônico e heteronormativo, ao abrir espaço para as diversas formas de exercício das masculinidades, em que se reconhece o seu caráter contraditório e multifacetado (Batista e Lima, 2017).

Ao falar sobre masculinidades também faz-se necessário interseccionar esta temática com questões de classe e raça, já que, devido a processos colonizadores que movimentam e institucionalizam o racismo na atualidade, tal representação do que é masculino ocorre de diferentes formas em homens brancos e negros. Embora muitas pesquisas tenham sido feitas para examinar o escopo da masculinidade, muitos estudiosos concordam que ser homem é afetado por categorias como raça, classe, gênero, cultura, educação, sexualidade e família. Além disso, é preciso problematizar as estruturas sociais e institucionais que, ao longo da história, ajudam a sustentar e reproduzir os comportamentos de risco dos homens e a construção deste como o "sexo forte".

2. Objetivos, material e métodos

Diante do fato de ainda existirem poucas pesquisas nacionais sobre o tema, este estudo teve por objetivo principal compreender as ideias e significados de pessoas do gênero masculino sobre “ser masculino” e suas possíveis relações com o machismo e a LGBTfobia. Por meio de identificar os significados contidos nos relatos sobre “ser masculinos” através da análise de conteúdo nas respostas dos questionários investigados, analisar as implicações dos significados de masculinidades na intersecção entre machismo e a LGBTfobia e categorizar o

espaço simbólico de construções de sentidos que estruturaram e moldam as formas subjetivas de pensar, agir e construir as masculinidades na atualidade.

2.1 Tipo de Estudo

Para atingir os objetivos aqui propostos, este trabalho foi realizado em duas etapas metodológicas, primeiramente, uma revisão de literatura integrativa. De acordo com Fink (2014), a revisão de literatura integrativa combinada com pesquisa documental é uma técnica útil quando há uma grande quantidade de informações disponíveis ou quando se pretende realizar uma análise comparativa de estudos realizados em diferentes contextos. Na segunda etapa do percurso metodológico, o estudo utilizou-se do método qualitativo, exploratório, descritivo e observacional da pesquisa social com o suporte teórico-metodológico da interseccionalidade (Akotirene, 2020; Collins & Bilge, 2021) e da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). A interseccionalidade é uma abordagem que tem como objetivo fornecer uma base teórico-metodológica que reconhece a inseparabilidade estrutural de sistemas de opressão, tais como o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado.

Além disso, a Akotirene (2019) enfatiza que a interseccionalidade desempenha um papel crucial na evitação de abordagens simplistas que tratam as questões sociais como "o problema do negro", "o problema da mulher" ou "o problema da comunidade LGBTQIA+", a autora propõe uma análise mais abrangente e complexa, ao levar em consideração as interconexões e sobreposições de identidades e formas de opressão, utilizada neste trabalho.

Em Bardin (2011), a análise de conteúdo refere-se a um conjunto de técnicas e instrumentos metodológicos que, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, tem como objetivo a análise e inferência dos aspectos presentes nas mensagens, sejam eles verbais ou não-verbais. O autor (2011) também enfatiza que a aplicação dessa técnica deve ocorrer de maneira sistemática, compreendendo três fases distintas: pré-análise, exploração do material, categorização ou codificação, e tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

2.2 Fontes de dados

No primeiro momento, examinou-se, a partir de uma revisão integrativa de literatura, os principais aspectos do estado da arte sobre as construções sócio-históricas das masculinidades, sua estrutura mutável e relacional no campo de estudos sociais de gêneros

em diferentes autores até a atualidade. Assim, a busca das produções acadêmicas foi realizada nas bases de dados da Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e do Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) entre agosto de 2022 e fevereiro de 2023 na literatura de língua portuguesa e inglesa.

Foram utilizados os seguintes descritores para a pesquisa: "Masculinidade", "Machismo", "Estudos de Gênero", "Gênero e sexualidade", "Gênero e Masculinidade", "Gênero e Saúde", "Heteronormatividade" e "LGBTfobia". Chegando-se a um total de dez (10) autores e autoras referência no campo acadêmico de estudos de gênero que mais foram citadas nas bases de dados em fontes secundárias (artigos e ensaios), nas quais foram aplicadas o critério de relevância acadêmica, a constar: R. Connell, 1995, 2005; K. Gergen, 1996; Ferguson, 2000; Laqueur, 2001; Oliveira, 2004; Bento, 2006; Bourdieu, 2012; Messerschmidt, 2013; Batista, 2017; Butler, 2017, 2018, 2019;

2.3 Procedimento de coleta e pré-análise dos participantes do estudo

A partir da análise e revisão bibliográfica, no segundo momento do desenho deste estudo social, os resultados e discussões da revisão de literatura narrativa foram relacionados, analisados e interpretados a pesquisa integrativa, descritiva e exploratória, por meio do método de coleta de dados. Utilizou-se como procedimento metodológico a pré-análise qualitativa de conteúdo sociodemográfico extraídos de um questionário *online* e semiestruturado hospedado na plataforma *Survey Monkey* entre o período outubro de 2020 até março de 2022. O universo inicial da pesquisa do estudo partiu de 137 pessoas (100%) que responderam de forma válida a sua orientação sexual e identidade de gênero. 135 dessas pessoas (98.54%) se identificam enquanto homem cis (o gênero designado ao nascer) e 02 (1.46%) preferiram não responder. Deste total, chegou-se aos participantes aos quais incidiram os primeiros critérios de inclusão da população amostral de pessoas que se identificam do gênero masculino, com idade igual ou superior aos 18 anos.

Dos quais, conformados pela orientação sexual: 74 (54.01%) se identificam enquanto heterossexuais, 44 (32.12%) homossexuais, 16 (11.68%) bissexuais e 03 (2.19%) como Outro (não especificado). De acordo com a classificação do IBGE (2020), 64 (48.72%) se identificam como brancos, 31 (22.63%) pardos, 38 (27.74%) negros, 01 (0.73%) amarela/asiática, 01 (0.73%) indígena e 02 (1.46%) preferiram não responder. Do nível de escolaridade dos participantes, 09 (6.57%) possuem o ensino médio, 47 (34.31%) o superior incompleto, 22 (16.06%), superior completo, 17 (12.41%) pós-graduação incompleta e 42

(30.66%) pós-graduação completa. A nível etário, o participante mais novo possuía 18 anos e o mais velho, 66 anos, a média de idade deste estudo encontrou-se na faixa dos 30 anos.

2.4 Procedimento de análise da amostragem representativa do estudo

Deste universo, correlacionou-se as respostas dos dados sociodemográficos as quais responderam a entrevista conformada em um roteiro de 44 perguntas semi estruturadas e nos quais incidiram os demais critérios de inclusão e exclusão e aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa. Nesta fase, os critérios de *inclusão* na análise dos questionários incluíram: aqueles que identificam-se enquanto identidade de gênero masculina (cis gênero, não cis gênero, transgênero e não binários), a partir de 18 anos; primeiro grau completo; ao considerar a diversidade de raça/cor, classe, idade, religião, orientação sexual e que responderam a pergunta aberta número dez: *para você, o que significa ser homem?* Por sua vez, os critérios de *exclusão*: análise dos questionários válidos que possuam respostas qualitativas que impeçam a sua compreensão ou os participantes que não responderam todas as questões.

Assim, chegou-se a 128 pessoas dentro da amostra representativa para a pesquisa, ao considerar as categorias de raça/cor, idade, região/estado, identidade de gênero, orientação sexual, religião, nível educacional com o cruzamento dos dados com as respostas abertas que buscavam abordar as temáticas de expressão e identidade de gênero, machismo e LGBTFOBIA. As respostas foram, com permissão prévia, selecionadas, analisadas e posteriormente transcritas na íntegra. Isto porque, o universo, ou população, é o conjunto de elementos que possuem as características que serão objeto do estudo, e a amostra, ou população amostral, é uma parte do universo escolhido selecionada a partir de um critério de representatividade (Vergara, 1997).

2.5 Percurso metodológico da análise do material qualitativo

É a partir da necessidade de identificar os sentidos e significados contidos nos relatos sobre “*ser masculinos*” que utilizou-se o método da análise de conteúdo (Bardin, 2011) em conjunto com o suporte conceito de “núcleo de significação” (Aguiar e Ozella, 2006) como uma abordagem metodológica na Análise de Conteúdo. O núcleo de significação se refere a um elemento fundamental dentro de um texto ou discurso que captura a essência do que está sendo comunicado. É o ponto central, a ideia-chave ou a unidade de significado que

representa o cerne do conteúdo analisado. Assim, primeiramente foi realizada uma pré-análise, em seguida foi feita uma leitura prévia dos dados e foram elencadas os preditores para criar as categorias de análise por semelhança e/ou exclusão de sentidos e significados semânticos e discursivos. Na sequência foram realizadas a partir da quantificação inicial, a descrição, a inferência e interpretação dos dados para chegar às categorias propostas neste estudo. Isso permite uma compreensão mais precisa e significativa das mensagens e temas subjacentes nos textos analisados e auxilia na extração e interpretação dos aspectos mais relevantes e representativos de um texto ou discurso durante a Análise de Conteúdo.

2.6 Análise de dados

As categorias de análise e modelos de estudos de gênero são áreas de investigação relevantes na atualidade, e têm sido abordadas por diversos autores. Tais implicações são aqui pensadas como hipóteses para os fatores condicionantes da construção das subjetividades e intersubjetividades individuais, grupais e sociais, que implicam na constituição da subjetivação psíquica dos afetos e comportamentos das pessoas que se identificam com as identidades masculinas hegemônicas ou contra hegemônicas ao longo da história até o tempo presente a partir da *teoria das subjetividades* (Martínez & González Rey, 2017).

Para tanto, foi realizada uma análise de dados através do método da análise de conteúdo, que buscou identificar os sentidos e significados atribuídos às masculinidades em suas interseccionalidades presentes em diferentes marcadores de raça/etnia, idade, classe, gênero, escolaridade e sexualidade, meio das respostas obtidas em 128 questionários previamente realizados. Diante dos resultados totais obtidos, foram selecionados 16 participantes da amostragem total que representam os diferentes critérios de seleção e as quatro categorias de análise desenvolvidas para ilustrar os resultados alcançados.

2.7 Principais categorias e modelos de análise presente na literatura

As categorias de análise e modelos de gêneros são fundamentais na compreensão das relações sociais e de poder que se manifestam nas práticas discursivas das masculinidades. Dentre os autores que se dedicam a esta temática, Oliveira (2004), Bourdieu (2012), Butler (2018) e Laqueur (2001) foram utilizados neste estudo integrativo por suas contribuições acadêmicas relevantes para o entendimento das construções de masculinidades hegemônicas e não hegemônicas (Connel, 1995) enquanto categorias biologizantes, sócio-históricas,

performativas, linguísticas e indefinidas/em trânsito dentro do modelo de análise de conteúdo proposto a partir de Bardin (2011) e núcleos de significação (Aguiar e Ozella, 2006).

Assim, a interpretação dos dados a partir da análise da questão aberta '*O que significa ser homem?*' permitiram a criação das categorias elencadas e agrupadas aqui, a saber: **a) essencialista-biológico, b) padrões normativos de construção sócio-histórica, c) Identificação-performatividade; e d) Indefinido (não souberam responder).**

3. Resultados e discussão

3.1 Essencialismo: a categoria do modelo naturalista-biológico;

A partir da revisão integrativa de literatura, foi possível identificar que, historicamente, há, primeiramente, a naturalização da concepção da categoria *biologizante* de sexo na compreensão de gênero pelas ciências duras desde o século XVIII, a partir da popularidade do método positivista, que possuíam nobre prestígio e alcance na comunidade científica sobre nas ciências biomédicas, o que criou um binarismo *essencialista* entre os gêneros masculino/feminino em polos opostos, ao tornar perfeitamente óbvio que a biologia define os sexos (Laqueur, 2001, p. 08). Assim, a simples constatação que um ser humano possui um órgão sexual (pênis ou vagina) já seria determinante para definir tanto o seu gênero quanto o seu sexo, a partir do par opositor dos sexos.

Isto é, uma relação *cisnormativa* que expõe a binaridade de gêneros entre dois pólos antagônicos: o masculino e o feminino. No que concerne aos dados dos questionários analisados, das 128 pessoas do gênero masculino que responderam à questão aberta, 25 (23.43%) identificam que o significado de “ser homem” tem relação com categorias e marcos biológicos como definidores da construção da sua masculinidade. No que concerne os resultados do agrupamento por núcleos de significação, a ferramenta metodológica que auxiliou na extração e interpretação dos aspectos mais relevantes e representativos do discurso dos 25 participantes durante a análise de conteúdo, identificou-se e agrupou-se abaixo em categorias do modelo essencialista-biológico sobre "o que é ser homem?":

- 1) Grupo do Fenótipo: nascer; biológico; corpo; sexo masculino; ter pênis; órgão reprodutor masculino; genitália; ter pinto; sexismo; fisiologia; aparência; características fisiológicas; sexo; fenótipo; reprodutor; natureza, etnia/cor; diferença física.
- 2) Grupo do Genótipo: taxas hormonais; cromossomos XY; espermatozoides;

genótipo. 3) Grupo da orientação sexual: orientações; orientação sexual; hétero; opção sexual; gostar de mulher; amar uma mulher;

A partir disso, podemos observar na agrupação, classificação e interpretação dos resultados do conteúdo discursivo analisado a partir dos marcadores estudados abaixo:

Nº	Identidade de gênero e orientação sexual	Raça e Etnia	Idade	Religião e Escolaridade	Estado Civil e Cidade/Estado	O que é ser homem? (conteúdo discursivo)
1º	Homem cis bissexual	Preto	35 anos	Sem religião (SR). Ensino superior em curso	Solteiro. Salvador (BA)	<i>"Ser do sexo masculino".</i>
2º	Homem cis homossexual	Preto	42 anos	SR. Ensino superior completo.	Casado. Salvador (BA)	<i>"Nascer com órgão reprodutor masculino".</i>
3º	Homem cis heterossexual	Pardo	46 anos	Religião Indefinida (RI). Ensino superior completo.	Solteiro. Salvador (BA)	<i>"Ter nascido com órgão genital masculino e cromossomo XY.</i>
4º	Homem cis heterossexual	Branco	34 anos	SR. Ensino Superior completo.	Casado. Salvador (BA)	<i>"Nascer com características fisiológicas de reprodução e outras referentes a esse gênero".</i>

Diante de tais significados e sentidos, Laqueur (2001) explica que o modelo *essencialista* de gênero parte do pressuposto de que existem diferenças inatas entre homens e mulheres. Esse modelo se apoia na biologia como uma forma de justificar e naturalizar as diferenças entre os sexos. Laqueur argumenta que esse modelo tem raízes históricas e culturais específicas, e que é resultado de uma visão binária e simplista sobre a sexualidade e

o corpo humano. Como visto no conteúdo das respostas transcritas, o senso comum que permeia as pré-noções sobre as construções hegemônicas de gêneros no nosso cotidiano, tende a acreditar que o ser masculino é definido por: ‘*nascer homem*’, mas mesmo essa hipótese, denominada de biológica-normativa e essencialista, carrega em si características e predicados de expressão de gênero que foram historicamente construídos.

A literatura recente em ciências humanas expressa que há muito mais nas identidades de gêneros do que os aspectos e atributos biológicos da masculinidade (Oliveira, 2004; Bourdieu, 2012; Butler, 2018; Laqueur, 2001). Para tais autores, a construção do “*ser masculino*” é influenciada por diversas dimensões: a cultura, a social e a política em determinado período histórico, além de ser atravessada por uma rede de significados e relações de poder sobre os gêneros que projetam normas, regras, códigos de conduta e expectativas performáticas sobre os corpos masculinos que moldam as subjetividades, e influenciam as identidades de homens no pensar, sentir e agir e suas práticas afetivas em relações entre gêneros, sexualidade e saúde. Butler (2018) e Oliveira (2004) apontam que a utilização mais recente para o termo "gênero" ocorre com as feministas contemporâneas que procuravam, ao dar ênfase ao termo, apresentar uma forma de se referir à hierarquização e distinções sociais baseadas no sexo. Logo, o termo/conceito gênero nasce a partir de uma tentativa de reivindicar um terreno político de definição para o mesmo que destacasse a incapacidade das teorias existentes em explicar as desigualdades históricas que acompanham homens e mulheres. O que contribui para uma perspectiva interacional de gêneros.

Isto é, um gênero, dentro do binarismo masculino-feminismo, existe e se legitima a partir da contraposição do seu oposto complementar, como é observado na atribuição de sentidos e significados presente no conteúdo das respostas transcritas e analisadas dos 04 participantes da pesquisa. Autores como (Oliveira, 2004; Bourdieu, 2012; Butler, 2018; Laqueur, 2001) apontam que os binários limitam as maneiras pelas quais as sociedades permitem aos indivíduos performarem o seu gênero, expressar as suas sensações e emoções por meio dos afetos e relações comportamentais. Visto que o modelo biológico/normativo e essencialista de gêneros é baseado na premissa de que as diferenças biológicas entre homens e mulheres são as principais determinantes do comportamento e características de gênero de cada indivíduo. Este modelo entende que a biologia é a base para a divisão de gênero e que as características atribuídas a cada gênero são inerentes e imutáveis. O que também influenciou, ao longo da história, tanto o modelo bio-médico de saúde diante do par opositor sexo/gênero e masculino/feminino quanto as diversas políticas públicas pensadas, ao redor do mundo, na concepção do processo saúde-doença-cuidar do “*ser homem*” (Oliveira, 2004).

3.2 Os padrões normativos de construção sócio-histórica

Oliveira (2004) discute o modelo normativo de gênero, este se baseia em padrões sociais hegemônicos que definem comportamentos masculinos e femininos. Nesse modelo, as características biológicas são utilizadas para justificar diferenças de habilidades e interesses entre homens e mulheres. Bourdieu (2012), por sua vez, critica esse modelo, argumentando que a própria *construção social de gênero* tem um impacto significativo na formação de habilidades e interesses de homens e mulheres. Segundo ele, a distinção entre feminino e masculino é criada e mantida por meio de representações e práticas sociais. Diante disso, dos respostas aqui analisados, das 128 pessoas do gênero masculino, 54 (42.18%), mais de um terço, identificam que o significado de ser homem tem relação com categorias e padrões normativos como definidores da construção da sua masculinidade.

A respeito da análise do agrupamento resultados do agrupamento por núcleos de significação, identificou-se e agrupou-se abaixo em categorias do modelo normativo sócio-histórico sobre "o que é ser homem?":

- 2) Padrões socioculturais de gênero: Grupo padrões de gênero; identidade de gênero; gênero; criado como homem; características; específico; estereótipos. Grupo da construção social e cultural: socialmente, social, características sociais; construção social, socialização; sociedade; regras; construção cultural; cultura; construção; paradigmas; expectativas sociais; imposições sociais; exigências; pressão; cobranças; papel social; funções; provedor; trabalhador; trabalho; sacrifício; responsabilidade; arcar com deveres; arcaicos; desconstrução; matriarcal; representante da família tradicional; ser pai, filho, marido, irmão; constituir família; ancestralidade. Liberdade; sem ser julgado; experiências. Grupo do poder: relações de poder; lugar de poder; potência; dominação; opressão; melhor que a mulher; patriarca; patriarcal; privilégios; machismo; força, forte; autoritário; palavra; lugar de fala; direitos; altos salários e cargos; imponente; achar que é melhor que a mulher; liderança; topo hierárquico. Grupo da violência: violência; prejudicam; hipócrita; explosão de agressividade; força, agressividade, dominação, causa danos; brigar.

Observa-se nos conteúdo dos sentidos e significados transcritos nos núcleos de significação, acima que, independentemente da identidade de gênero, as experiências de masculinidade de uma pessoa são construídas com base nessas normas internalizadas do binarismo de gênero hegemônico, que são pré-noções que criam narrativas de como se deve

pensar e agir. Assim, o “*ser masculino*” é aqui pensado enquanto um fenômeno sócio-cultural plural e multideterminado que constitui-se enquanto categorias e modelos que historicamente definem papéis e funções sociais atribuídas aos gêneros e aos sexos em oposição binária. Conforme pode ser percebido na análise, classificação e interpretação dos resultados da amostragem representativa de 04 (quatro) participantes que compreendem a sua masculinidade dentro do modelo normativo sócio-histórico:

Nº	Identidade de gênero e orientação sexual	Raça e Etnia	Idade	Religião e Escolaridade	Estado Civil e Cidade/Estado	O que é ser homem? (conteúdo discursivo)
1º	Homem cis homossexual	Branco	21 anos	Católico. Ensino médio completo.	Solteiro. Governador Newton Bello (Maranhão)	<i>"Ter capacidade de proteger aos seus, vontade de se arriscar e, se preciso, se sacrificar por algo, ou alguém que considera valioso".</i>
2º	Homem cis homossexual	Preto	25 anos	SR. Ensino superior incompleto.	Solteiro. Salvador (BA)	<i>"Pra mim ser homem significa respeitar os outros, ser responsável, cuidar de si e do outro".</i>
3º	Homem cis heterossexual	Pardo	36 anos	Católico. Ensino superior completo.	Solteiro. Salvador (BA)	<i>"Ser hétero, masculino de nascimento".</i>
4º	Homem cis heterossexual	Branco	34 anos	Agnóstico/cristão. Ensino superior incompleto.	Solteiro. Salvador (BA)	<i>"Ter nascido sob o signo cultural masculino, endereçado a seguir os padrões específicos do gênero e lidar com as angústias embutidas".</i>

A respeito dos resultados, homens cis heterossexuais, acima de 30 anos, brancos e negros, com ensino médio completo analisados neste estudo, identificam o “ser homem” com as categorias e modelos de masculinidades hegemônicas, aqui entendidas como as categorias

essencialista-biológica e padrões normativos sócio-históricos, o que pode relaciona-se as implicações do machismo e LGBTfobia; Em relação a população LGBTIA+, é importante reconhecer que as vivências da violência e discriminação ocorrem de forma diferente em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, nos quais operam de forma interseccional os marcadores sociais de raça, classe, geração, orientação sexual e gênero (Pinto et al., 2020).

Para Ferguson (2000), um número considerável de pesquisas examinaram e estudaram o conceito de masculinidade, particularmente de acadêmicos interessados em gênero e/ou sociologia. A história da masculinidade tem, e continua a ser, longa. No passado, os estudos de masculinidade focaram principalmente na desigualdade, enfatizando as práticas de normas de gênero e papéis que homens e mulheres desempenham. Afirma-se a masculinidade como uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na complexa estrutura das relações de gênero, todavia, aponta para a existência de práticas significativas que colocam a ação em destaque, ao assumir que ações têm uma racionalidade e um significado histórico.

O que impacta no machismo e na LGBTfobia no decorrer da História. Contudo, isso não quer dizer que a prática seja necessariamente racional, como a prática da violência (Connell; Messerschmidt, 2013). Portanto, ao carregar a sua própria *historicidade*, tais modos de agir, pensar e comportar e performar são culturalmente atravessados por um espaço simbólico de dominação masculina nas sociedades patriarcais (Bourdieu, 2002).

Este fenômeno afeta a construção dos processos de subjetivação nas identidades de gêneros tanto masculinas, femininas, fluidas, neutras etc, ou daqueles que não se encaixam em nenhuma das categorias e modelos pré-determinados. Ao ocupar, em Judith Butler (2018), o lugar do questionamento relativo à *substancialização* do corpo sexual, pelos gêneros desviantes e configura, atualmente, como um dos maiores problemas de gênero. Por sua vez, Bourdieu (2012) destaca a influência do *habitus* e das práticas simbólicas na construção das experiências e expressões de gênero. O autor argumenta que a identidade de gênero não é uma escolha individual, mas sim resulta de estruturas e hierarquias sociais, práticas e valores simbólicos. Bourdieu (2012) ressalta ainda que a construção de gênero é restrita por normas e expectativas culturais, o que pode levar a desigualdades e violências de gênero.

Laqueur (2001) propõe uma análise histórica da construção de gênero, destacando como o *binarismo* de gênero se tornou tão predominante em diversas culturas ocidentais. Para o autor, a construção da masculinidade e feminilidade é historicamente situada, e envolve uma série de categorias interdependentes, como sexo, gênero e identidade. Oliveira (2004), por exemplo, destaca que a categoria de gênero se refere a aspectos sociais e culturais que influenciam a construção e interpretação de papéis e identidades de gênero, na qual há uma

diferença entre sexo biológico e gênero. Para a autora, a construção de gênero não é um processo natural ou biológico, mas sim socialmente construído.

3.3 Performatividade: gênero enquanto agir, identificar e representar

A filósofa feminista Judith Butler (2018), por sua vez, propõe que a identidade de gênero é uma construção cultural, e não algo inerente ao corpo ou à biologia. Ela argumenta que o gênero é "*performatado*" por meio de ações repetidas e normas sociais compartilhadas. No que diz respeito a observância dessa categoria nos dados dos questionários analisados, das 128 pessoas do gênero masculino que responderam à questão aberta, 30 (23.43%) identificam que o significado de ser homem tem relação com categorias performativas das suas masculinidades. No que se refere a análise do agrupamento resultados do agrupamento por núcleos de significação, identificou-se e agrupou-se abaixo em categorias do modelo performativo de gênero sobre "o que é ser homem?":

3) Grupo do comportamento: fazer; executar; agir; atitudes; resolver; atos; obras; aprender; correr atrás; criar; arriscar; se posicionar; aperfeiçoar; discutir; lutar por igualdade; cuidar; ajudar; acompanhar; curtir; amar; ter dívidas; código de conduta específico. Grupo das características psicológicas/valores: mostrar menos sensibilidade; emocional; aspecto psicológico; coragem; corajoso; segurança; confiante; firmeza; honra; caráter; cavalheirismo; educado; honestidade; exemplo; referência; sabedoria; integridade; valores positivos; crenças e valores; fiel; ética; ser justo; dignidade; protetor; respeito; libidinoso (buscar ativamente o cônjuge); autônomo; parceiro; companheiro; amigo; amante sincero; carinhoso; sinceridade; ternura; confortável; sensibilidade; capacidade de entender as dores alheias; carismático; direito de chorar; sentimental; inteligência emocional menor; frágil; fraqueza; humildade; pedir ajuda; expressar sentimentos; medo; angústias; validação; emoções; plenitude; desejos; sonhos; esperanças; assertividade; objetividade; prático; ser racional; consciente. Conceitual: Grupo do conceito ou conceitual: conceitos; pensamento; mental ideológico; vontade; processo complexo; pouca noção de mundo.

Assim, como visto nos núcleos de significação acima, defende Butler (2018) que o gênero não é algo que as pessoas "têm", mas sim algo que elas "fazem". Em resumo, esses autores destacam diferentes aspectos dos modelos biológico, normativo e essencialista de gênero enquanto os modelos hegemônicos presentes estruturalmente nas sociedades patriarcais contemporâneas. Enquanto alguns argumentam que esses modelos não levam em conta a complexidade da construção social de gênero, outros propõem que o gênero é uma construção cultural e não algo inerente ao corpo ou à biologia. Os resultados pode ser

percebido abaixo na análise, classificação e interpretação dos resultados da amostragem representativa de 04 (quatro) participantes que compreendem a sua masculinidade dentro do modelo performativo:

Nº	Identidade de gênero e orientação sexual	Raça e Etnia	Idade	Religião e Escolaridade	Estado Civil e Cidade/Estado	O que é ser homem? (conteúdo discursivo)
1º	Homem cis homossexual	Preto	24 anos	Candomblecista. Ensino superior incompleto.	Solteiro. Salvador (BA)	<i>"Gênero é performatividade e apesar de toda problemática envolvida na construção do ser homem é com a qual me identifico, mas mesmo com o que já está prescrito, a construção desse vai papel acaba sendo atravessa por diversas particularidades do sujeito".</i>
2º	Homem cis homossexual	Branco	23 anos	SR. Ensino superior incompleto.	Solteiro. Salvador (BA)	<i>"Uma identidade performativamente construída a partir da relação de poder a qual se figura em um topo hierárquico, que lhe confere privilégios sociais".</i>
3º	Homem cis homossexual	Branco	54 anos	Espírita. Ensino superior completo (pós-graduação).	União estável - não formalizada. São Paulo (SP)	<i>"Um ser humano que se identifica como homem, mesmo que não tenha sido inicialmente identificado biologicamente como tal, que se entende social e psicologicamente como homem".</i>

4°	Homem cis bissexual	Branco	22 anos	Evangélico. Ensino superior completo.	Solteiro. Salvador (BA)	<i>"Ou ser masculino ou feminino, se identificar com a construção de ter um corpo de gênero masculino ou comportamento que remeta a uma figura masculina. Independentemente de ter sexo com mulher ou homem'.</i>
----	------------------------	--------	------------	---	----------------------------	---

Desta forma, Butler (2018) aborda a construção performativa da identidade de gênero, por meio de atos repetidos que levam à estabilização das identidades de gênero binárias. A autora destaca que as categorias de gênero são socialmente construídas, mas são também mantidas por meio de performances corporais e discursivas. Para a filósofa feminista (2018), a desconstrução de gênero envolve a subversão dessas performances, questionando as dicotomias de gênero e as normas que as sustentam.

3.4 O "ser masculino" em trânsito: indefinições e multiplicidades atuais

Em suma, no alvorecer do século XXI, os estudos de gênero abrangem diversas abordagens que podem complementar-se ou opor-se. Na contemporaneidade, a literatura começa a apontar para o enredamento do ser masculino enquanto sujeito com condições próprias fragilidades, angústias, crises, modismos e aparentes contradições ao modelo hegemônico de masculinidade até então negadas ao se associaram ao "sexo frágil", o feminino. Diante das respostas aqui analisadas, dentre as 128 pessoas do gênero masculino, 14 (10.93%), não identificam um significado específico de ser homem a partir das categorias de masculinidades na contemporaneidade. A respeito da análise do agrupamento resultados do agrupamento por núcleos de significação, identificou-se e agrupou-se abaixo em categorias do modelo em trânsito/indefinido sobre "o que é ser homem?", a exemplo:

5) Grupo não sei responder: não sei; nunca pensei sobre; não sou homem; nada; nada demais. Específico de cada um. Grupo em trânsito e indefinido: sem definição pronta; somente uma palavra; relativo aos sentidos e significações individuais e particulares, não acredito;

É importante ressaltar que, na contemporaneidade, a literatura identifica que a masculinidade hegemônica passa a estar associada principalmente às características indefinidas e/ou negativas, que retratam os homens como não emocionais, independentes, não

cuidadores, agressivos e não passionais. As características são vistas como causas de práticas tóxicas, ao incluir a violência física e de comportamento criminoso (Connell; Messerschmidt, 2013). Assim, abaixo podemos observar a agrupação, classificação e interpretação dos resultados do conteúdo discursivo analisado a partir dos marcadores:

Nº	Identidade de gênero e orientação sexual	Raça e Etnia	Idade	Religião e Escolaridade	Estado Civil e Cidade/Estado	O que é ser homem? (conteúdo discursivo)
1º	Homem cis homossexual	Branco	24 anos	Católico. Ensino superior completo.	Solteiro. Cruz das Almas (BA)	<i>"O que define é algo específico de cada um. Não acredito em coisas de homens e de mulheres".</i>
2º	Homem cis homossexual	Pardo	28 anos	Ateu. Ensino superior incompleto.	Solteiro. Roraima.	<i>"É algo que nunca pensei sobre. Não tenho uma definição pronta".</i>
3º	Homem cis pansexual (Outro)	Pardo	36 anos	SR. Pós graduação completa.	Casado. Vitória da Conquista (BA)	<i>"Não sei dizer, trago alguns (pré)conceitos da infância que venho tentando desfazer ao longo do tempo".</i>
4º	Homem cis heterossexual	Branco	44 anos	Agnóstico. Pós-graduação incompleto.	Casado. Campinas (SP)	<i>"Não sei o que significa. Para mim é somente uma palavra que ouço desde que nasci e que atribuem sentidos".</i>

Os conteúdos discursivos analisados nesta categoria dialogam com a tese da cientista social R.W. Connell (1995; 2005), em seus trabalhos, nos quais ela chama atenção para as indefinições em torno dos conceitos de masculinidade na atualidade, indicando a complexidade e a fluidez dessas definições. Connell argumenta que as concepções tradicionais de masculinidade, que enfatizam a força, a dominação e a agressividade, estão em processo de revisão e redefinição, ao sugerir a teoria das **múltiplas masculinidades** diante da revisão que diferentes esferas da sociedade começam a fazer sobre os aspectos

negativos dos modelos hegemônicos. Na sociedade contemporânea, as noções de masculinidade estão se expandindo para abranger uma variedade de identidades e expressões de gênero. Isso inclui uma compreensão mais ampla das emoções masculinas, da sensibilidade e da vulnerabilidade. Além disso, a ideia de masculinidade não é mais estritamente ligada à heterossexualidade, e há um reconhecimento crescente da diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. A autora também enfatiza a importância de considerar as interseções entre masculinidade e outros fatores, como raça, classe e orientação sexual, que moldam de maneira única as experiências e as definições de masculinidade para diferentes grupos de homens. Em resumo, Messerschmidt e outros estudiosos destacam as indefinições e as transformações em curso em torno dos conceitos de masculinidade na sociedade contemporânea, destacando a necessidade de adotar uma abordagem mais inclusiva e sensível à diversidade de experiências subjetivas e intersubjetivas masculinas.

O que é também defendido por Akotirene (2019) que ressalta que a interseccionalidade não se refere a fórmulas matemáticas hierarquizantes ou comparativas de opressão. Em vez disso, é uma ferramenta que busca destacar a importância de analisar as condições estruturais que afetam esses corpos e como, por meio de suas interações, moldam a posição e formam as experiências e identidades dos sujeitos.

3.5 O recorte da população LGBTQIA+

Os resultados observados nos grupos categorizados, apontam que os participantes não heterossexuais, até 35 anos, brancos e pardos, com ensino superior completo demonstraram-se mais abertos para outros modelos de masculinidade para além dos hegemônicos, isto é o performático e em trânsito. Os resultados também apontam para um percentual significativo (acima de 1/3), de homens cis homossexuais que se identificam com os modelos de masculinidades hegemônicas, o que pode relacionar-se aos aspectos estruturais do machismo e do patriarcado também presentes entre LGBTQIA+.

No Brasil, a população LGBTQIA+ compartilha uma realidade na qual, semelhante à população negra e idosa, muitas vezes enfrenta uma violação dos direitos humanos fundamentais, resultando em condições de vulnerabilidade significativas (Alves e Araújo, 2020). Além disso, aqueles que expressam uma sexualidade que não se encaixa nos padrões da cisheteronormatividade, especialmente quando combinada com o racismo e machismo estrutural, enfrentam um aumento considerável na exposição a situações de violência e discriminação. Assim, muitas vezes ocorre o *coping* (replicação e aprendizagem) do

comportamento socialmente aceito para enquadrar-se dentro das estruturas machistas e cisheteronormativas socialmente difundidas enquanto estruturas hegemônicas na atualidade. A discussão política e acadêmica em torno do ser masculino, em Oliveira (2014), passa a envolver questões de saúde pública a partir da epidemia da AIDS nos anos 1980 que enseja debates que tornaram públicos certos temas interditos, como as relações extraconjugais e homo-orientadas e afetivas. Segundo o autor (2014), é no centro dessa discussão contemporânea, que desencadeia-se o estímulo para as negociações feministas em prol de práticas sexuais seguras e direitos reprodutivos, ao questionar-se as bases convencionais do machismo estrutural em que predominava a determinação masculina no desenho e significado da heterossexualidade padrão, como um grande causa da violência entre gêneros e do adoecimento psíquico de homens e mulheres. Oliveira identifica que o HIV/AIDS também provocou a reação do movimento gay, atualmente a comunidade LGBTQIA+, que trouxe reflexos aos estudos sobre a masculinidade a partir da LGBTfobia.

Tal movimento se organizou no combate do recrudescimento do preconceito e do estigma social e moral atribuídos àqueles considerados vetores da disseminação da doença. Visto que há implicações da construção social do machismo e a da LGBTfobia nos processos de subjetividade dos homens no Brasil. Ainda em relação ao cenário contemporâneo, o sociólogo observa que, “apesar de todas as mudanças sócio estruturais e todos os movimentos que continuamente contestam a hegemonia masculina, esse lugar simbólico ainda é bastante valorizado e funciona como bússola de orientação para a construção de identidades em diversos segmentos sociais” (2014, p. 285). Portanto, em Bourdieu (2012), os esquemas simbólicos embutidos de percepção social se aplicam a tudo no mundo, começando pelo próprio corpo, em cuja realidade biológica o domínio semiótico encontra sua maior validade nos traços corporais, ou seja, na identidade corpórea que ajuda a formular a identidade sexual, enquanto identidade social, política e cultural, como observado nos conteúdos das respostas analisadas neste trabalho.

3.6 O ser homem: processo de construção e desconstrução de gênero

Desta forma, as conclusões das quatro categorias aqui apresentadas, encontram respaldo teórico em Bourdieu (2012) e somam-se à intenção de Oliveira (2014) de que sejam desatados os nós das conexões e das associações imediatamente projetadas na polarização entre o masculino e o feminino, tão frequentes nos julgamentos do senso comum e observada em algumas das respostas coletadas e analisadas neste trabalho. Assim, a discussão na

literatura contemporânea em ciências humanas aponta que, ao longo da história, não se encontra uma única construção normativa sobre “*ser homem*” ou “*ser mulheres*”, mas múltiplas, assim também pode-se afirmar que há múltiplos conceitos de gênero.

Isto também se dá, porque, embora a masculinidade hegemônica seja normativa, é importante destacar que ela não se assume frequente num sentido estatístico, visto que somente uma minoria dos homens talvez a adote. Logo, importantes trabalhos recentes sobre a questão de gênero, da diferença sexual, das relações sociais dos homens e das mulheres junto com os resultados aqui observados nessa discussão, trouxeram novos elementos para o debate sobre os modos de *subjetivação* (Butler, 2009, 2015; 2019, Ferguson, 2000; Laqueur, 2001; Connell; Messerschmidt, 2013). Por meio disso, é possível problematizar a superposição de ações violentas e características tidas como “viris” podem ser melhor compreendidas por meio dessa construção. Ainda no que tange à perspectiva relacional de gênero e saúde, as especificidades do ser homem no processo saúde-doença-cuidar podem ter maior visibilidade a partir do debate em questão.

Nesse sentido, dentre outras questões, o debate sobre a socialização dos homens que faz com que o cuidar de si não seja visto como prática masculina pode ganhar maior densidade com o entendimento do estado da arte sobre e temática. Entre elas, estão, contribuir para o entendimento das imbricações entre violências de gênero e masculinidades que pode servir de subsídios na construção social das relações e das identidades de gênero para estudos em saúde pública, a partir dos modelos e categorias atribuídas aos signos do “ser masculino” dentro e fora da masculinidade hegemônica no Brasil. Assim como problematizar a manutenção da heteronormatividade compulsória vivenciada culturalmente nas existências subjetivas daqueles que compartilham dos símbolos e a repercussão cotidiana em nossa sociedade patriarcal, sem, entretanto, esgotar a temática complexa e multideterminada.

Portanto, a perspectiva relacional de gênero e saúde deste trabalho perpassou as especificidades do “*ser masculino*” e “*ser homem*” no processo saúde-doença-cuidar que podem ter maior visibilidade social para construção de novas políticas públicas a partir do conhecimento produzido. De acordo com Ortiz (2013), quando se trata de interseccionalidade e políticas públicas, o uso desse termo é relativamente novo. Inicialmente, sua disseminação foi impulsionada principalmente por organismos internacionais, especialmente aqueles que promovem políticas de igualdade de gênero. No contexto brasileiro, a abordagem interseccional em políticas públicas ainda está em desenvolvimento e limitada a iniciativas em nível federal. Dito isso, mais estudos explorando essa proposta teórica-metodológica se fazem necessários na atualidade. Para que assim, seja possível propor ações e políticas

públicas que promovam a saúde do homem de forma mais efetiva e igualitária, ao considerar as diversas dimensões que influenciam e impactam a saúde a partir de uma concepção ampliada adotada pelo Sistema Único de Saúde (OMS, 1947).

4. Considerações finais

Os resultados alcançados nesta pesquisa revelam a complexidade e a fluidez das construções de gênero, em particular, a masculinidade, que transcende os modelos hegemônicos de essencialismo biológico e normatividade cultural. Através da análise das respostas obtidas nos questionários, torna-se evidente que não existe uma única definição de "ser homem" e que as percepções de masculinidade são multifacetadas, variando de acordo com as experiências individuais e as influências sociais, culturais e políticas. As análises dos dados coletados e aqui apresentados a partir das categorias de análise fundamentadas teoricamente na revisão de literatura, demonstram a complexidade dos sentidos e significados do "ser masculino" na contemporaneidade e a importância de análise e interpretação interseccional diante dos marcadores de raça/etnia, classe, gênero, idade, escolaridade, religião e sexualidade daqueles que se identificam com os códigos das masculinidade.

Observou-se que algumas das respostas coletadas são mais complexas pois incluem em si mais de um grupo de significação. Assim, procurou-se avaliar no corpo do conteúdo discursivo da resposta, o contexto e a significação dada pelo interlocutor para agrupar relacionando com a literatura pesquisada em quatro eixos: essencialista-biológico, padrões normativos sócio-históricos, performatividade e indefinido (não souberam responder), em que identifica-se construções ideológico-conceituais e o não saber definitivo.

Desta forma, destaca-se ao longo da revisão de literatura aqui proposta, como o processo histórico social e cultural brasileiro é marcado por várias dicotomias, das quais a mais notável é a dominador/dominado, onde, nas estruturas das relações de gênero, os homens são construídos como os atores sociais dominantes associados ao "sexo forte" e o papel de dominado é atribuído às mulheres, o "sexo frágil". Assim, os conceitos de masculinidades têm sido amplamente discutidos nas ciências sociais nas últimas décadas, especialmente na sociologia e nos estudos de gênero e podem contribuir para pensar a saúde dos homens na atualidade. Trata-se de uma reflexão sobre as construções sociais e culturais do que significa ser homem ou masculino em uma determinada época e lugar e que observa-se já ter passado a ter repercussão social a partir da constatação empírica da não conformidade dos resultados a respeito da construção social das masculinidades.

Neste sentido, é fundamental destacar a relação entre as diversas formas de masculinidade e o machismo, entendido como um sistema de crenças, valores e práticas que privilegia a posição de dominação masculina sobre as mulheres e outros grupos sociais subalternos, como os LGBTQIA+. Na base dessa construção está, um domínio simbólico no qual vários mecanismos de controle social estão sendo construídos e acionados para justificar tal dominação. Esses mecanismos são baseados em crenças e mitos sobre masculinidade e feminilidade, a dicotomia fundamental entre masculinidade e feminilidade, criando, assim os diferentes papéis sociais que esses gêneros desempenham e carregam, o que geram expectativas sociais de como tais papéis e funções devem ser desempenhados, no caso, do papel de mãe, de pai, de filho, de dona de casa, de chefe do lar, por exemplo.

Outro aporte foi identificação que os conceitos tradicionais de gênero, baseados em uma visão binária e essencialista, que associa o sexo biológico a comportamentos e características de gênero fixos, são desafiados pela literatura contemporânea em ciências humanas. Visto que o falo e marcadores biológicos do fenótipo tido como "masculino", simbolicamente passa a representar o poder associado aos papéis masculinos em diferentes sociedades e culturas ao longo da história. Autores como Judith Butler, Pierre Bourdieu e Raewyn Connell destacam que o gênero é uma construção social e cultural, influenciada por uma rede complexa de significados e relações de poder.

A ideia de performatividade de gênero, proposta por Butler, ressalta que as identidades de gênero são construídas por meio de ações repetidas e normas sociais compartilhadas. Isso é evidenciado nas respostas dos participantes que destacam a importância das práticas culturais e sociais na definição de suas identidades de gênero. Além disso, a pesquisa mostra que a masculinidade hegemônica, embora ainda presente, não é adotada pela maioria dos homens que responderam ao questionário.

A compreensão contemporânea da masculinidade é mais fluida e diversa, o que reflete as mudanças nas estruturas sociais, políticas e culturais como os resultados deste estudo foram capazes de comprovar, visto que 44 participantes do estudo (25%) identificam a sua masculinidade para além dos modelos hegemônicos. No entanto, é importante reconhecer que as normas de gênero ainda exercem influência significativa sobre as identidades e práticas dos homens, contribuindo para desigualdades de gênero e comportamentos prejudiciais, visto que a maioria dos participantes 84 (75%) ainda identificam a sua masculinidade atrelada aos modelos hegemônicos, mesmo diante da diversidade de orientação sexual, raça/etnia, classe, idade escolaridade e religião. Portanto, a discussão sobre gênero continua a ser relevante e crucial para entender as complexidades das identidades masculinas na sociedade

contemporânea. Logo, a pesquisa espera contribuir para a compreensão das construções de gênero, destacando a necessidade de questionar e desafiar as normas tradicionais e estereótipos de masculinidade na atualidade. A multiplicidade de conceitos de gênero observados neste estudo sugere a importância de promover a diversidade e a igualdade de gênero, reconhecendo e respeitando as diferentes experiências e identidades das pessoas.

Dito isso, espera-se que os resultados obtidos neste estudo possam subsidiar a construção de uma proposta de intervenções em cuidado e políticas públicas em saúde para atuar com indivíduos de forma a correlacionar as imagens que estejam relacionadas à construção dos sentidos e significados das suas masculinidades, com o machismo e a LGBTfobia a partir de um referencial teórico baseado na Resolução 01/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que desde então veta que as (os) profissionais da Psicologia exerçam qualquer atividade que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoafetivas. A normativa proíbe, ainda, adotar ação coercitiva que busque orientar homossexuais para tratamentos não solicitados. Junto a essa resolução histórica, dezenas de outras resoluções e notas técnicas foram vanguardas em prol da promoção de cuidado e defesa da população LGBTQIA+ nos últimos 24 anos. Destaca-se, também, as resoluções do CFP de números: 01/2018, 08/2020 e 08/2022 e as Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas, Psicólogos e Psicólogues em Políticas Públicas para População LGBTQIA+. Da qual, a mais recente, é a de junho de 2023, elaborada pelo Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP).

Logo, são inúmeras as possíveis contribuições que este trabalho, a partir das análises e críticas levantadas pelos autores, pode fornecer ao campo da saúde pública. Por meio da revisão de literatura, pode-se ancorar uma maior problematização para estudar as complexidades sobre as identidades de sexo e gênero. A discussão aqui proposta, por sua vez, espera ao abrir uma ponte de discussão entre a pesquisa social teórica e empírica para propor uma maior reflexão acerca das masculinidades e suas repercussões nas relações entre gêneros, sexualidade e saúde. As imbricações entre violência de gênero e masculinidade é outra temática que pode buscar subsídios na construção social da masculinidade.

Em suma, espera-se que este trabalho possa contribuir socialmente e politicamente para o entendimento da construção das relações de gênero, com foco nos modelos e nas categorias de análise atribuídas aos “ser masculino”. Isto é, dentro e fora da masculinidade hegemônica, utilizando-se dos relatos e histórias de homens e suas as constituições intersubjetivas de masculinidades interseccionadas a fatores como etnia/raça, status econômico, nível educacional, identidade de gênero e orientação sexual que influenciam o

tipo de masculinidade que se constrói entre pessoas identificadas como homens no Brasil diante as possibilidades e os limites metodológicos da pesquisa social e qualitativa aqui empregadas.

6. Referências

Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos**. *Psicologia: ciência e profissão*, 26(2), 222-245.

Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200006&lng=pt&tlng=pt.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT). (2020). Disponível em: <https://www.abglt.org.br/>. Acesso em 10 de abril de 2023.

Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA). (2021). Disponível em:

<https://www.ilga-europe.org/>. Acesso em 12 abril de 2023.

Akotirene, C. (2020) **Interseccionalidade**. (3a imp. Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Jandaíra. Bardin, L.(2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bardin, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

Batista, K. S. A.; Lima, A. F. (2017). **Implicação política e conceitual nos estudos sobre homens, masculinidades e violência de gênero**. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 38, n. 2, p. 175-188, 2017.

Bento, B. (2006). **A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual**. Rio de Janeiro: Garamond.

Bourdieu, P. (2012). **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasil.

Butler, J. (2009). **Performatividade, precariedade e políticas sexuais**. *Revista de Antropologia Iberoamericana*. Volume 4, Número 3. Dezembro. Madrid: Antropólogos Iberoamericanos. p.01-13.

_____. **Quem tem medo de falar sobre gênero?**. (2017). TV Boitempo. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cozmjJpMakM>>. Acesso em: 05 março. 2023.

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade**. (2018). Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. **Corpos que importam.** (2019). São Paulo: N-1 Edições.

Collins, P. H. & Bilge, S. (2021). **Interseccionalidade.** Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo.

Connell, R. W. (1995). **Masculinities.** University of California Press.

_____. (1995). *Theorizing masculinities.* *Sociology of Men and Masculinities*, 1(1), 41-51.

Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2005). *Hegemonic masculinity: Rethinking the concept.* *Gender and Society*, 19(6), 829-859.

_____. (2013). **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282.

Oliveira, P. P. (2004). **A Construção Social Da Masculinidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Martínez, A.

Ortiz, M. (2013). **Desvendando sentidos e usos para a perspectiva de interseccionalidade nas políticas públicas brasileiras.** *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 10, 1-15.

Ferguson, A. (2000). **Construindo um nome para si mesmo: atos transgressivos e gênero Atuação.** Pp. 80-91 em *Men 's Lives*. 9ª ed, editado por M. S. Kimmel e M. A. Messner. Nova Jersey: Pearson Education, Inc.

Fink, A. (2014). **Realizando pesquisas de revisão de literatura: Do papel à internet.** *Sage Publications*. 2014.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). **14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Gergen, K. J. (1996). *Psychological science in a postmodern context.* *American Psychologist*, 51(5), 452-457.

Hearn, J. (1998). *The violences of men: How men talk about and how agencies respond to men's violence to women.* Sage Publications.

Laqueur, T. W. (2001). **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Medina Filho, A. L. (2013). **Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social.** *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 263-271.

Mitjás & González Rey, F. (2017). **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea.

Pinto, I. V., Andrade, S. S. D. A., Rodrigues, L. L., Santos, M. A. S., Marinho, M. M. A., Benício, L. A., & Canavese, D. (2020). **Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação**. Brasil, 2015 a 2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23.

Foucault, M. (1979). **Microfísica do Poder**. Tradução e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Scott, J. W. (1988). Gender: *A useful category of historical analysis*. *American Historical Review*, 91(5), 1053-1075.

_____. (1991). *The evidence of experience*. *Critical Inquiry*, 17(4), 773-797.

Spink, M. J. *et al.* (2013). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Edição Virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Vergara, S. C. (1997). **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas.

Villares, L.; Palmares, M. (2019). **Saúde LGBT: Um Guia para Profissionais de Saúde**. São Paulo: Editora Senac São Paulo.